

## Gênero midiático: análise polifônica do discurso

Cleide Emília Faye Pedrosa\*

*“‘Frases’ (...) enquanto gênero jornalístico de revistas e jornais (...) estaria, assim, orientado por representações sobre o contexto de produção, os destinatários, a instituição social em que foi produzida, além de obedecer a um padrão formal de textualização.” (Ângela B. Kleiman, 2002)*

**Resumo:** Esta comunicação oral tem por objetivo oferecer uma classificação para o estatuto das vozes de acordo com seu papel discursivo no texto. O estudo será feito, principalmente, através do gênero textual midiático frase. A polifonia será considerada em uma classificação que baliza as vozes em consonantes, dissonantes e dissonantes. A tessitura polifônica do texto será analisada tomando por base um quadro teórico mais amplo, coadunado com algumas das propostas da Análise Crítica do Discurso (ACD), principalmente a perspectiva social defendida por Fairclough. O *corpus* reúne exemplos de 5 revistas nacionais: Veja, IstoÉ, Tudo, Contigo, Época. Os resultados apontam para uma relação assimétrica entre Locutor e editor em uma demonstração clara do poder de voz dentro de uma sociedade.

**Palavras-chave:** Polifonia; Gênero textual ‘frase’; Relação assimétrica.

### 1 Introdução

Esta comunicação “Gênero midiático: análise polifônica do discurso” tem por objetivo aprofundar os estudos em polifonia através dos aportes teóricos amplamente divulgados em publicações especializadas e, especificamente, divulgar a classificação proposta para o estatuto das vozes que se evidenciam em um texto.

O interesse pelo tema da polifonia e o desafio de apresentar uma proposta classificatória para as vozes surgiram quando do uso do gênero midiático ‘frase’ em nossa tese de Doutorado. Ao verificar o aspecto constitutivo do texto, com espaço discursivo bem demarcado para as vozes (do Locutor e do editor), pudemos comprovar que esse seria um material bastante produtivo para estudar o “comportamento” dessas vozes como elementos da tessitura textual que apontavam não só para aspectos discursivos, mas também, e, sobretudo,

para aspectos sociais, ressaltando ideologias, crenças, valores e poderes que circulam na linguagem.

Ao imergir no texto, observamos que, muitas vezes, essas vozes podem estar concordando entre si ou podem estar em discordância, expondo, assim, uma arena discursiva que pode ter sido resultante do próprio evento discursivo ou de uma criação metafórica do editor.

O aporte teórico se sustenta na contribuição de Bakhtin (1997 a e b) sobre a noção de polifonia do discurso, e de vários outros estudos que foram, ao longo desses anos, apresentados nas academias. Listando alguns: Leeuwen, 1998; Barros, 1999; Brait, 1999, 2001; Fiorin, 1999, 2001; Fávero, 1999; Monserrat, 2001; Mey, 2001; Cunha, 2002, Rodrigues, 2005.

Metodologicamente, seguiremos a análise e classificação de exemplos coletados, principalmente em 2001, de cinco revistas nacionais: contigo, época, IstoÉ, Tudo e Veja.

## **2 Dialogismo: vozes discursivas do Eu e do Outro**

O percurso teórico terá como base as propostas bakhtinianas sobre dialogismo, conseqüentemente também sobre a polifonia.

Ao afirmar que a enunciação resulta como produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados e engajados, Bakhtin dá a entender que todo discurso é dialógico, isto é, procede de alguém e dirige-se a alguém. Daí a inter-relação de discursos e atores sociais produzindo um tecido polifônico histórico, ideológico e socialmente situados.

Bakhtin entende diálogo não apenas no sentido estrito do termo, mas constitui-se da forma mais importante da interação verbal, deve ser compreendido num sentido amplo, isto é, não apenas como a comunicação em voz alta de pessoas colocadas face a face, mas toda comunicação verbal, de qualquer tipo que seja, sob uma perspectiva interior ou exterior do discurso.

Diálogo é, portanto, um grande encontro de vozes e entonações diferentes: entre pessoas, entre textos etc. em todas as instâncias da linguagem, inclusive no discurso interior que também manifesta vozes de forma entrecruzada, complementada, em oposição, em confronto, em contínuo movimento, sempre relacionado a uma atividade humana com juízo de valor. Assim a dialogia é o confronto das entoações e dos sistemas de valores que posicionam as mais variadas visões de mundo. Bakhtin afirma que

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas lingüísticas nem pela enunciação monológica e isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua (BAKHTIN, 1997a, p. 123).

Ele apresenta, assim, a noção de dialogismo como princípio fundador da linguagem: toda linguagem é dialógica, isto é, todo enunciado é sempre um enunciado de um locutor para seu interlocutor, logo toda linguagem é fruto de um acontecimento social. Um outro sentido que se configura para o dialogismo é que um texto sempre responde a um outro texto, ou que internaliza vozes de um outro discurso (interdiscursividade).

A linguagem só vive na comunicação dialógica daqueles que a usam. E precisamente essa comunicação dialógica que constitui o verdadeiro campo da *vida* da linguagem. Toda linguagem, seja qual for o seu campo de emprego (linguagem cotidiana, a prática, a científica, a artística, etc.), está impregnada de relações dialógicas (BAKHTIN, 1997b, p. 183).

Para Bakhtin, as relações dialógicas constituem um fenômeno “quase” universal que penetra toda a linguagem humana e todas as relações e manifestações da vida humana. É tão somente sob essa orientação dialógica interna que a palavra do Eu (“minhas palavras”) se encontra intimamente em relação com a palavra do Outro (orientação dialógica interna, polifonia), sem, no entanto, se fundir com ela, sem absorvê-la nem absorver seu valor, isto é, conserva completamente a sua autonomia enquanto palavra (BAKHTIN, 1997b).

Nessa perspectiva bakhtiniana, o discurso é constituído das relações dialógicas, como um palco de luta de vozes. Bakhtin destaca que as relações dialógicas são possíveis tanto entre enunciações integrais, como em parte significante do enunciado, e até mesmo em uma palavra isolada – isto “se ouvimos nela a voz do outro”, isto é, “se nela se chocam dialogicamente duas vozes” (BAKHTIN, 1997b, p. 184).

A voz do Outro, evocada no discurso do Eu, instaura o fenômeno polifônico. Essa polifonia só é marcada quando as vozes são plenivalentes (plena de valor). O Outro e o Eu constituem sujeitos- “afirmar o ‘eu’ do outro não como objeto mas como outro sujeito”.

Segundo Maingueneau (2000), em um discurso as vozes são marcadas por seus lugares sociais. Os interlocutores marcam ao mesmo tempo o lugar que pretende ocupar e o lugar que pretende conferir ao outro no discurso. “Mas como esse último pode contestar a

relação que pretendemos impor-lhe, muitas das interações são uma constante negação do lugar de cada um” (MAINGUENEAU, 2000, p. 94)

Barros (1999), também tratando do mesmo assunto, afirma que todo texto é “tecido polifonicamente por fios dialógicos de vozes que polemizam entre si, se completam ou respondem umas às outras” (Barros, 1999: 04). Segundo a autora, “os textos são dialógicos porque resultam do embate de muitas vozes sociais; podem, no entanto, produzir efeitos de polifonia, quando essas vozes ou algumas delas deixam-se escutar, ou de monofonia, quando o diálogo é mascarado e uma voz, apenas, faz-se ouvir”(BARROS, 1999, p.06).

Para Mey (2001), o exercício da voz no discurso é uma atividade política porque o discurso é uma noção política. Ele vai mais além e afirma que “a correta interpretação das vozes e dos textos pertence a seus donos; além disso, os ‘textos’ não são nada mais do que uma metáfora daqueles grupos de relações sociais aos quais, em minha terminologia, é dada uma ‘voz’ para que esta seja falada e lida” (MEY, 2001, p.251, 252). Assim, considerar a linguagem (enunciados construídos), em sua constituição dialógica (alternância de sujeitos), é vê-la como acontecimento social, resultante de alguma atividade de comunicação social (trabalho) realizada na forma de certa comunicação verbal.

Souza destaca, em sua releitura de Bakhtin (apud SOUZA, 1999, p. 83), que

o enunciado existente, surgido de maneira significativa num determinado momento social e histórico, não pode deixar de tocar os milhares de fios dialógicos existentes, tecidos pela consciência ideológica em torno de um dado objeto de *enunciação*, não pode deixar de ser participante ativo do diálogo social.

Entre as categorias relevantes, desenvolvidas pelo Círculo de Bakhtin, está a questão do discurso citado (enunciado de outrem), como categoria explícita de marca polifônica do texto. Assim, nenhuma palavra é nossa, ela traz a perspectiva de outra voz. O texto, concebido por Bakhtin, marca o ponto de intersecção de vários diálogos, de cruzamento de vozes que se originaram em práticas de linguagem diversificada socialmente, essas vozes, por sua vez, polemizam-se ou se completam ou respondem umas às outras (BARROS, 1999). Assim,

É necessário observar no conjunto do enunciado, do discurso, de que forma a confluência das vozes significa muito mais uma interpretação do discurso alheio, ou a manipulação na direção da argumentação autoritária, ou mesmo a apropriação e subversão desse discurso (BRAIT, 1999, p. 25).

Desse modo, podemos considerar monofonia e polifonia como resultados de efeitos de sentidos (BARROS, 1999) que decorrem de procedimentos discursivos, ou seja, se um texto “entrever muitas vozes”, diríamos que ele é polifônico; por outro lado, se ele esconder essas vozes, então apresenta o estatuto de um texto monofônico. Nas palavras de Brait (1999, p. 14,15):

Tanto as palavras quanto às idéias que vêm de outrem, como condição discursiva, tecem o discurso individual de forma que as vozes – elaboradas, citadas, assimiladas ou simplesmente mascaradas – interpenetram-se de maneira a fazer-se ouvir ou a ficar nas sombras autoritárias de um discurso monologizado.

Rodrigues (2005, p. 174), em análise de um texto jornalístico, apresenta o dialogismo através de dois movimentos: movimento dialógico de assimilação e movimento dialógico de distanciamento. No primeiro, ocorre a incorporação de outras vozes, consideradas pelo articulista como relevante para a construção de seu ponto de vista. “O enunciado já-dito dialogiza o artigo e dá credibilidade à fala do articulista, pois traz consigo outras opiniões, verdades, fatos, dados com os quais o autor mantém relações dialógicas que vão dar corporeidade e sustentação a sua opinião” (RODRIGUES, 2005, p. 174, 175), “abrindo espaço em seu enunciado para essa voz ‘falar’” (idem). Fato importante a considerar nesse movimento de assimilação é de que lugar social vêm essas outras vozes (senso comum, política, ciência, religião, jornalismo etc). No movimento dialógico de distanciamento, há o apagamento, ou mesmo o apagamento das vozes a que o autor se opõe, negando a credibilidade da voz do outro. Geralmente, nesse tipo de movimento, a identificação do ‘outro’ pode ser indireta ou implícita através de uso de modalizadores.

Diferentes estratégias de enquadramento e de citação do discurso do outro marcam os movimentos dialógicos de assimilação e de distanciamento. “O enquadramento do discurso do outro cria a perspectiva, o fundo dialógico é dado ao discurso introduzido, dá-lhe um acento de valor” (RODRIGUES, 2005, p. 175), pois, segundo a concepção bakhtiniana, mesmo que haja “precisão” em reportar a palavra do outro, esta estratégia discursiva sempre está sujeita a transformações de significado.

### **3 Polifonia: proposta de classificação e análise**

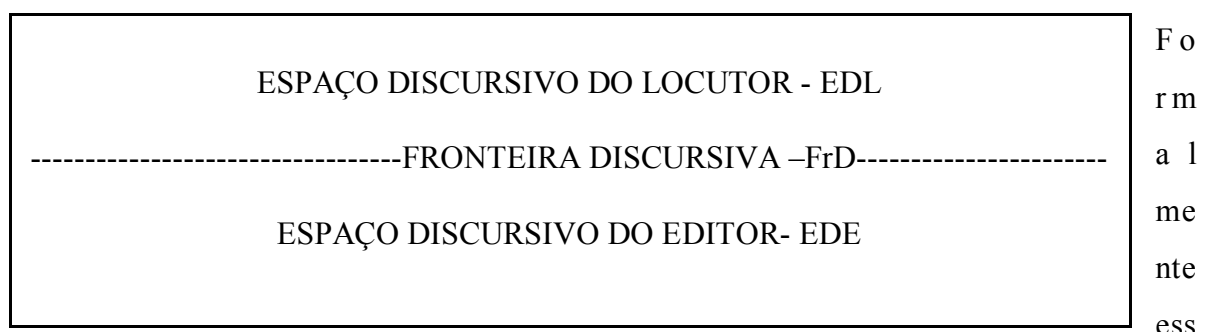
Isolamos, em benefício do que vamos tratar, um critério entre nove apontados por Kress (e retomado por PEDRO,1998, p. 28, grifo nosso), como sendo determinantes nos trabalhos em Análise Crítica do Discurso (ACD): “as relações dos participantes na produção dos textos são, em geral, desiguais e vão de estados, hipotéticos, de total desigualdade à completa desigualdade.” Isso para justificar a categorização que vamos empregar na análise da polifonia com nossos exemplares textuais.

Relevantes também para a categorização das vozes em nosso trabalho são as colocações de Barros (1999, p. 04, grifo nosso): “deve-se observar que a intertextualidade na obra de Bakhtin é, antes de tudo, a intertextualidade ‘interna’ das vozes que falam e polemizam no texto, nele reproduzindo o diálogo com outros”; e “considerou-se discurso autoritário aquele em que se abafam as vozes dos percursos em conflito, em que se perde a ambigüidade das múltiplas posições, em que o discurso se cristaliza e se faz discurso da verdade única, absoluta, incontestável.” (BARROS, 1999, p.06, grifo nosso)

### 3.1 Constituição do gênero midiático frase

Primeiramente vamos considerar a relação estabelecida, quanto ao aspecto formal, entre os dois participantes-chave (Locutor e editor) na constituição dos textos do gênero ‘Frase’. Distingamos os espaços discursivos ocupados pelos Locutores e editores na formação do texto, isto é, os diferentes espaços ocupados pelas principais vozes que participam na produção textual.

Quadro 1 Espaços discursivos no gênero textual ‘Frase’



es espaços discursivos serão preenchidos de maneira diferente. Podem apresentar maior espaço discursivo para comportar a voz do Locutor ou maior espaço discursivo para comportar a voz do editor. Também podem apresentar espaços discursivos equilibrados, em que as vozes do



Observemos como a voz do Locutor é enfraquecida (‘apenas 111 morreram’) pela voz do editor (‘o massacre do Carandiru’). Ao utilizar o termo ‘massacre’ para confrontar com o uso de ‘apenas’ do Locutor, o editor põe em destaque sua voz e, ao mesmo tempo, deslegitima a voz do Locutor, estabelecendo-se, assim, uma relação assimétrica, em que a voz que tem poder é também a última que é ouvida. Vemos que há todo um jogo de identidade e delimitação de poder, ou mais precisamente, a determinação de um espaço discursivo de poder irrevogável, tendo em vista o Locutor, cuja voz foi enfraquecida ou anulada, não poder contra-argumentar essa prática discursiva manipuladora do editor. Essa prática lembra a citação de Barros (1999) já colocada no início desta comunicação - ‘considerou-se discurso autoritário aquele em que se abafam as vozes dos percursos em conflito.’

### **3.2 polifonia: classificação e análise**

Verificaremos que o fenômeno da polifonia, ou vozes constitutivas de um texto, manifesta-se segundo algumas subcategorias:

*Polifonia Consonante* – refere-se ao grupo de vozes constitutivas de um texto que soam de forma concordante, em outras palavras, as vozes estão de acordo quanto à idéia, à informação, ou mesmo à ideologia que são veiculadas em sua mensagem.

*Polifonia Dissonante* – diz respeito ao conjunto de vozes que, ao serem evocadas para formar um determinado texto, estabelecem uma relação de concordância apenas parcial com a mensagem veiculada. Esse tipo de polifonia ou classificação será empregado para os casos de ironia, crítica, pois já é sabido que, nessas ocorrências, há sempre uma voz que concorda ou que afirma e outra que discorda. Assim, quando a voz do editor estabelecer uma crítica ou ironia em relação à voz do Locutor, usaremos essa subcategoria.

*Polifonia Destoante* – classifica o conjunto de vozes que se desafinam completamente, ou seja, não estão de acordo quanto ao conteúdo veiculado na mensagem de suas vozes. Casos em que o editor desmente o dito pelo Locutor, ou mesmo estabelece uma inferência desautorizada a partir da voz do Locutor. A polifonia destoante quase sempre irá gerar a dissonância.

Observemos, particularmente, cada uma das subcategorias a seguir.

### 3.2.1 Polifonia Consonante

Vozes consonantes são as que concordam entre si, onde há consonância, afinação. São também, em outros termos, vozes acordantes. O termo vem do latim – *consonans, antis* – que soa junto. Em um primeiro caso, ou geral, as vozes principais, ou as vozes do Locutor e do editor ‘soam’ juntos em relação ao tópico apresentado. Há os casos em que a voz do editor não se prolonga/ propaga, registrando apenas a identificação do Locutor e algum aposto quanto ao papel social desse ou algo similar, deixando por conta do leitor inferir se ele está ou não de acordo com o dito pelo locutor, surge o que chamaremos de voz consonante implícita.

Confirmaremos, com exemplos, as ocorrências em que as vozes do Locutor, do Editor e dos locutores (uma terceira voz) soam afinadas, compartilham da mesma opinião quanto ao veiculado em termos de informações e também ideologia.

Quadro 3: Vozes consonantes

GÊNERO TEXTUAL ‘FRASE’	VOZES CONSONANTES EXPLÍCITAS NA RETEXTUALIZAÇÃO	
	LOCUTOR	locutor
(T – 17/08/01) “ <i>Com 90 anos, minha mãe mantém a lucidez. Outro dia, ela me disse: ‘José, não te mete nessa história do Senador’.</i> É que ela gosta de mim” <b>José Sarney, senador (PMDB –AP)</b>	“Com 90 anos, minha mãe mantém a lucidez. Outro dia, ela me disse: ‘José, não te mete nessa história do Senador’. É que ela gosta de mim”	<i>‘José, não te mete nessa história do Senador’.</i>

Voz do Locutor usa como argumento para aceitação da voz do locutor o substantivo ‘lucidez’, estratégia que antecipa uma possível reação negativa do ouvinte/leitor diante da informação de que o locutor tem ‘90 anos’. No final de sua voz, o Locutor interpreta a voz do locutor a seu favor (‘É que ela gosta de mim’). A voz do locutor é utilizada pelo Locutor em prol de sua defesa.

### 3.2.2 Polifonia Dissonante

São vozes que apresentam ou produzem dissonância, que diferem em alguns aspectos, enquanto mantêm algum ponto em comum. Vemos casos de dissonância nos textos, nos exemplos que a voz do editor apresenta algum ponto comum (assono) ou de contato com a voz do Locutor para em seguida dissonar, ou apresentar sua própria versão da informação veiculada na voz do Locutor. A ironia é um dos recursos mais utilizados nessa categoria.

Quadro 4: Vozes dissonantes

GÊNERO TEXTUAL 'FRASE'	VOZES DISSONANTES EXPLÍCITAS NA RETEXTUALIZAÇÃO	
	LOCUTOR	EDITOR
(V/231 – 28/03/01) <i>"Não paro de crescer como cantora e compositora."</i> <b>Suzana Alves</b> , a Tiazinha, <u>modestamente</u>	<i>"Não paro de crescer como cantora e compositora."</i>	<b>Suzana Alves</b> , a Tiazinha, <u>modestamente</u>
(V/300 – 25/04/01) <i>"Mesmo não tendo nada a temer, com uma CPI você fica todo dia sendo questionada. É um desgaste grande."</i> <b>Marta Suplicy</b> , prefeita de São Paulo, <u>mostrando por que o PT, na oposição, é a favor de CPI, mas no poder nem tanto</u> _	<i>"Mesmo não tendo nada a temer, com uma CPI você fica todo dia sendo questionada. É um desgaste grande."</i> --	<b>Marta Suplicy</b> , prefeita de São Paulo, <u>mostrando por que o PT, na oposição, é a favor de CPI, mas no poder nem tanto</u> _
(V/479 – 27/06/01) <i>"Não estou brincando de trabalhar. Tenho filha pequena para criar e uma pilha de carnês para pagar."</i> <b>Fausto Silva</b> , o pobre Faustão da Globo, que <u>ganha uma bagatela acima de 1 milhão de reais por mês, preocupado com o leite das crianças</u>	<i>"Não estou brincando de trabalhar. Tenho filha pequena para criar e uma pilha de carnês para pagar."</i>	<b>Fausto Silva</b> , o pobre Faustão da Globo, que <u>ganha uma bagatela acima de 1 milhão de reais por mês, preocupado com o leite das crianças</u>

A polifonia dissonante ocasiona uma dissonância em relação à 'fala' do Locutor, ela fica enfraquecida pelo posicionamento irônico ou crítico do editor. Este consegue, através dessa prática discursiva, fazer uma parceria com o leitor, que aceita sua voz como sendo a legítima e autorizada, e desse modo consegue perpassar a ideologia da instituição que representa.

Segundo o posicionamento de Fairclough (2001), nas definições tradicionais de *ironia* (“dizer uma coisa e significar outra”) falta uma abordagem intertextual desse recurso. Em um enunciado irônico, ecoa um outro enunciado, ou uma outra voz, pois não há relação entre o significado, ou função real do enunciado e o que foi ecoado. Na ironia, os intérpretes exercem uma função muito importante, eles deverão ser capazes de identificar que o sentido do enunciado não é o mesmo dado pelo produtor. Vários fatores contribuem para essa identificação: explícita falta de combinação entre o significado aparente e o contexto situacional; indicações sobre o tom de voz do (a) falante ou pistas no texto escrito; e pressupostos dos intérpretes acerca das crenças e dos valores do (a) produtor (a) do texto.

Barros (1999) afirma que nos casos de ironia, “a polifonia atinge sua plenitude: as vozes que dialogam e polemizam ‘olham’ de posições sociais e ideológicas diferentes, e o discurso se constrói no cruzamento dos pontos de vista” (BARROS, 1999, p. 05).

Vejam como ocorreu a estratégia discursiva irônica dos exemplos postos no esquema e no quadro acima:

- No primeiro texto (quadro), o editor, ao utilizar o advérbio de modo ‘modestamente’ para, ao mesmo tempo em que, em um primeiro momento, ou leitura, poder conduzir ao significado usual/ primeiro de modesto, ir também de encontro ao que o Locutor falou - "Não paro de crescer como cantora e compositora".
- No segundo texto, o editor utilizou o conhecimento de mundo (O PT aprova CPI – para os outros), e não propriamente do que o Locutor falou (‘Mesmo não tendo nada a temer, com uma CPI você fica todo dia sendo questionada. É um desgaste grande.’) para criticar a postura política da instituição da qual o Locutor faz parte. O editor dá o seu sentido ou sua leitura para a ‘fala’ do Locutor – a voz do Locutor ‘É um desgaste grande’ é manipulado pelo editor para ‘mostrando por que o PT, na oposição, é a favor de CPI, mas no poder nem tanto.’
- No último texto, a ‘brincadeira’ ou ‘diversão’ do editor vai ao extremo ao fragmentar/ ‘fatiar’ ou ‘dividir a voz do locutor acorde por acorde’. Revendo em mais detalhe esse exemplo, podemos observar que a voz do Locutor permite a leitura de que é uma pessoa que trabalha arduamente (‘não estou brincando de trabalhar’) e que é uma pessoa pobre que compra todas as coisas

a crediário ('tenho... uma pilha de carnês para pagar') e de limitada formação, pois se preocupa apenas com a sobrevivência/ manutenção dos filhos, tendo em vista que está preocupada apenas em 'criar' e não em outras necessidades ('tenho filha pequena para criar'). Vejamos como se pode identificar as 'duas' vozes do editor, ou seja, como se instaura a ironia ou a dissonância. Primeiro o editor caminha (concorda) com a voz do Locutor, fazendo o seu jogo ou estratégia discursiva – 'não estou brincando de trabalhar' / 'ganha uma bagatela ... por mês'; 'tenho uma filha pequena para criar'/ 'preocupado com o leite das crianças'; 'tenho... uma pilha de carnês para pagar'/ 'pobre Faustão'. Depois, ele reverte o primeiro sentido instaurado para 'pobre', 'bagatela' e 'preocupado' ao explicitar o salário mensal do Locutor no exercício de seu papel social na instituição onde trabalha – 'acima de 1 milhão de reais por mês'.

Assim se constitui a polifonia dissonante, uma das mais produtivas nesse material de análise. A voz do editor caminha algum tempo junto à do Locutor apenas para depois fazer ressaltar sua voz em detrimento à voz do Locutor (disfonia), que, por sua vez, fica sem recursos para desdizer o dito ou construído pelo editor.

### 3.2.3 Polifonia Destoante

São vozes totalmente discordantes. Em um primeiro caso, ou geral, as vozes do Locutor e do editor se confrontam em relação ao tópico apresentado. Há também os casos em que as vozes secundárias (terceira voz que aparece no texto) são tomadas a fim de serem negadas.

Quadro 5: vozes destoantes

<b>GÊNERO TEXTUAL</b>	<b>VOZES DESTOANTES</b>	
	<b>VOZES NO EDL</b>	<b>comentário</b>
<b>'FRASE'</b>		

(V/476 – 27/06/01) " <u>Esse negócio de amor à camisa é tudo conversa fiada.</u> " Roberto Carlos, jogador do Real Madrid e da seleção brasileira, mostrando falta de sintonia com o técnico Felipão	" <u>Esse negócio de amor à camisa é tudo conversa fiada.</u> "	Identificamos explicitamente na 'fala' do Locutor uma outra voz (locutor) que é confrontada.
(V/575 – 01/08/01) " <u>O Tom falava que Garota de Ipanema era a galinha dos ovos de ouro, mas eu não ganhei nem um pintinho com isso.</u> " Helô Pinheiro, a Garota de Ipanema	" <u>O Tom falava que Garota de Ipanema era a galinha dos ovos de ouro, mas eu não ganhei nem um pintinho com isso.</u> "	Mesma estratégia discursiva do exemplo anterior
(V/639 – 22/08/01) " <u>Foi uma leviana assacadiha contra nossa honra.</u> " Pedro Malan, ministro da Fazenda, sobre afirmações de Lula de que no acordo com o FMI ele se havia comprometido com a privatização do Banco do Brasil, da Petrobrás e da Caixa Econômica Federal	" <u>Foi uma leviana assacadiha contra nossa honra.</u> "	O Locutor discorda com uma segunda voz que é inferida em seu espaço discursivo.
(V/693– 12/09//01) " <u>Já virou cadáver.</u> " <b>Itamar Franco</b> , governador mineiro, comentando o " <u>exportar ou morrer</u> " de FHC	" <u>Já virou cadáver.</u> "	O Locutor não concorda com uma segunda voz que é inferida em seu espaço discursivo e explicitada no EDE
(I/417 – 12/09/01) " <u>Um indivíduo desses, depois de sete anos de governo, falar em exportar ou morrer? Já virou cadáver</u> " <b>Itamar Franco</b> , governador de Minas Gerais, ironizando as declarações de FHC de incentivo às exportações	" <u>Um indivíduo desses, depois de sete anos de governo, falar em exportar ou morrer? Já virou cadáver</u> "	O Locutor não concorda com uma segunda voz que aparece em forma de DIL em seu espaço discursivo

### 3.2.4 Arena de vozes

Um outro aspecto relevante a ponderar, nesse estudo de vozes que estamos procedendo, são as arenas discursivas construídas pelos editores. Há os casos em que essas arenas são 'reais' ou 'diretas', ou seja, os Locutores/interlocutores estavam presentes ao evento comunicativo; e há ainda os casos em que os Locutores/interlocutores foram

aproximados metaforicamente (FAIRCLOUG, 2001), ou melhor, os Locutores por não estarem presentes no evento comunicativo, são aproximados metaforicamente pelo editor. Idéia que lembra também o trabalho de Leeuwen (1998, p.185) sobre a representação dos atores sociais e o ‘debate que o escritor encena para nós na sua argumentação’. Essa arena discursiva criada metaforicamente tem um grande efeito na prática social, pois o editor passa a ilusão de que realmente o diálogo ocorre *in loco*.

#### Arenas discursivas reais

(A) 270 - (I/551 – 05/12/01) “*Não toque em mim*”

**Francisco Dornelles**, ministro do Trabalho, mandando a presidente da CUT de Brasília, Erika Kokay, tirar a mão de seu braço

271 - (I/552 – 05/12/01) “*Então não toque nos meus direitos*”

**Erika Kokay**, respondendo ao ministro

(B) 272 - (V/176 – 14/03/01) “*Vossa excelência deveria ter deixado para o líder do governo defender o próprio governo, que não quis vossa excelência como ministro.*”

**Antonio Carlos Magalhães**, senador (PFL-BA), em mais um bate-boca com o líder do PMDB, Renan Calheiros

273 - (V/177 – 14/03/01) “*O senhor fique caladinho aí.*”

**Renan Calheiros**, em resposta a ACM

Os dois grupos de arenas discursivas (A e B) ocorreram *on-line*, os Locutores-interlocutores estavam presentes e dialogaram face-a-face. Alguns aspectos lingüísticos podem confirmar o dito: primeiro grupo - o uso de primeira pessoa ‘meu’/ ‘meus’ nas retextualizações e ‘seu’ na (re)textualização no primeiro exemplo; segundo grupo – o uso de pronome de tratamento ‘Vossa excelência’ e ‘senhor’ é um indicativo da presença do interlocutor no momento da ‘fala’.

#### Arena discursiva metafórica

BATE-BOCA			
"Quem sabe Serra poderia desafiar Enéas para um debate?"			"É uma pena que (essa declaração) venha de quem está disputando pela quarta vez uma eleição presidencial"
[LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA, ao afirmar que não vai debater com o ministro da Saúde, José Serra]	Foto	Foto (Época, 11/02/02)	[JOSÉ SERRA, ministro da Saúde e presidiável pelo PSDB, em resposta a Lula]

Podemos verificar que a arena discursiva, embora esteja graficamente construída, foi o editor que aproximou os ‘interlocutores’. Não há nenhuma pista de que a conversa foi on-line. Observemos, por exemplo, o uso dos parênteses na retextualização do quadro, segundo texto, é um indicativo de que a ‘fala’ do Locutor do primeiro texto não foi respondida face-a-face. Uma pista mais forte é o uso do ‘suposto’ interlocutor na terceira pessoa (‘Serra’) no primeiro texto do quadro.

Na construção do espaço discursivo, nota-se uma arena em que o Eu e o Outro tentam delimitar seu espaço e seu poder. O papel do editor é vital na preparação dessa arena. O efeito de sentido dessa luta em que o Eu e o Outro lutam para ser ouvidos e dominar o espaço discursivo, só é identificado a partir do papel do editor que, ao selecionar as duas ‘falas’ e as aproximar no espaço gráfico, consegue o objetivo desejado.

O quadro aponta a pista da indicação das datas das ‘falas’ como o mais forte indício de que a conversa não foi on-line. O que confirma o posicionamento de Fairclough (2001) quando assinala o efeito metafórico produzido pela mídia quanto às campanhas políticas. Selecionamos duas citações de Fairclough (2001:243) a fim de confirmar o efeito metafórico:

as campanhas eleitorais não são conduzidas na verdade como confrontações ou discussões diretas, face a face: essa é apenas a forma como a mídia as constrói.

A mídia, pela maneira como seleciona, ordena e representa as informações, reduz a complexidade e a confusão de uma campanha a uma discussão ou a um combate com partes fixas, ataque seguido de contra-ataque. Isso é então retratado como uma realidade que a mídia simplesmente reflete, disfarçando assim os efeitos construtivos que a mídia, ela própria, exerce sobre a realidade.

#### **4 conclusão:**

O discurso, como principal processo e produto do funcionamento da instituição midiática (RODRIGUES, 2002), é polifônico. “O jornalismo, (...) ao veicular as várias vozes que constituem os acontecimentos, explicita que faz parte de um determinado tempo histórico e que é produzido por sujeitos históricos (BERGER, 2002, p. 283).

Os processos sócio-comunicativos que caracterizam cada gênero do domínio midiático tanto refletem a sociedade em que ele surge como podem ser indícios de transformações que costumam ocorrer.

O gênero que estudamos apresenta uma constituição formal em que duas vozes principais delimitam seu espaço discursivo, a do Locutor e a do editor. Contudo, essa delimitação não garante, ao locutor, a legitimação de sua voz pela prática discursiva e social do editor. Nos exemplares textuais do gênero ‘frase’, há toda uma construção de identidades a partir da delimitação de poder ou, mais precisamente, da determinação de um espaço discursivo irrevogável.

Práticas discursivas são uma demonstração clara de que a língua cria o mundo, não o reproduz; são, ainda, uma comprovação de seu caráter dialógico como uma atividade histórico-social, cognitiva e interativa.

### **Referências:**

- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. 8. ed. São Paulo: Hucitec, 1997a (VOLOCHINOV, V. N).
- \_\_\_\_\_. *Problemas da poética de Dostoievski*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997b.
- BARROS, Diana Luz Barros. Dialogismo, polifonia e enunciação. IN: BARROS, Diana Luz Pessoa; FIORIN, José Luiz. *Dialogismo, polifonia, intertextualidade*. São Paulo: Edusp, 1999, p. 1 - 9.
- BRAIT, Beth. As vozes bakhtinianas e o diálogo inconcluso. IN: BARROS, Diana Luz Pessoa; FIORIN, José Luiz. *Dialogismo, polifonia, intertextualidade*. São Paulo: Edusp, 1999, p. 11 - 27.
- CUNHA, Dóris de Arruda Carneiro da. 2002. “Gêneros textuais: “O funcionamento dialógico em notícias e artigos de opinião.” In: DIONÍSIO, Ângela Paiva et al. *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002, p. 166 – 179
- FÁVERO, Leonor Lopes. 1999. “Paródia e Dialogismo”. In: BARROS, Diana Luz Pessoa de Barros e FIORIN, José Luiz (orgs). *Dialogismo, polifonia e intertextualidade*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999, p. 49 – 62.
- FIORIN, Luiz José. “Polifonia textual e discursiva”. In: BARROS, Diana Luz Pessoa de Barros e FIORIN, José Luiz (orgs). *Dialogismo, polifonia e intertextualidade*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999, p. 29 - 36
- KRESS, Gunther. 1998. Considerações de caráter cultural na descrição lingüística: para uma teoria social da linguagem. In: PEDRO, Emília Ribeiro (org.). *Análise Crítica do Discurso*. Lisboa: Caminho, p.47-76.
- LEEUVEN, Theo van. 1998. A representação dos atores sociais. In: PEDRO, Emília Ribeiro (org.). *Análise Crítica do Discurso*. Lisboa: Caminho, p.169-222.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Termos-chave da análise do discurso*. Belo Horizonte: editora UFMG, 2000.
- MEY, Jacob L. *As vozes da Sociedade*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2001
- MONSERRAT, Janina Espuny. “El contenido Del interlocutor cuando se toma la palabra y otras funciones de la diafonía en el cara a cara.” In: MARI, Hugo at al. *Análise do Discurso: fundamentos e práticas*. Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso, FALE/UFMG. 2001, P. 289 – 312

PEDRO, Emília R. Análise crítica do discurso: aspectos teóricos, metodológicos e analíticos. In: \_\_\_\_\_. (org.). Análise Crítica do Discurso. Lisboa: Caminho, 1998a, p. 19- 46.

RODRIGUES, Rosângela Hammes. Os gêneros do discurso na perspectiva dialógica da linguagem. In: MEURER, J.L. et all. Gêneros: teorias, métodos, debates. São Paulo: Parábola, 2005, p. 152 – 183.

RODRIGUES, Adriano Duarte. Delimitação, natureza e funções do discurso midiático. In: MOUILLAUD, Maurice; PORTO, Sérgio Dayrell (orgs.). O jornal: da forma ao sentido. 2ª ed, Brasília: Universidade de Brasília, 2002, p. 217-233.

SOUZA, Geraldo Tadeu. Introdução à teoria do enunciado concreto do círculo Bakhtin/Volochinov/Medvedev. São Paulo: Humanitas, 1999.